

Os modos de fazer imagem entre os Pataxó da Aldeia Imbiruçu (MG) e os desafios teórico-metodológicos em pesquisa¹

Alexsânder Nakaóka Elias (UNIMONTES/MG)

Carlos Caixeta de Queiroz (UNIMONTES/MG)

Fabiano José Alves de Souza (UNIMONTES/MG)²

Resumo: Este trabalho busca analisar os desafios teórico-metodológicos de uma pesquisa em andamento com os Pataxó da Aldeia Imbiruçu, na Reserva Indígena Fazenda Guarani (Carmésia-MG), que investiga as percepções sobre as linguagens audiovisuais digitais e suas possibilidades na circulação dos saberes tradicionais. A pesquisa, de abordagem qualitativa e situada no campo da Antropologia Visual e da Imagem, articula oficinas de fotografia e produção audiovisual, além de grupos de discussão com os/as participantes. Entre os principais desafios identificados estão o reconhecimento das diferenças ontológicas e culturais entre pesquisadores e comunidade indígena, evitando a imposição de categorias analíticas ocidentais, e a compreensão das formas próprias de autodeterminação e produção de conhecimento dos Pataxó, marcadas por práticas de segredo. Em diálogo com a antropologia reversa, os resultados parciais evidenciam a necessidade de repensar os modos hegemônicos de produzir conhecimento e apontam para a investigação das lógicas que orientam a produção e a circulação das imagens no contexto dos saberes tradicionais.

Palavras-chave: Pataxó; Saberes Tradicionais; Antropologia Visual.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir os desafios teórico-metodológicos de uma pesquisa em curso com os Pataxó da Aldeia Imbiruçu, situada na Reserva Indígena Fazenda Guarani, em Carmésia (MG). O foco da investigação é compreender as percepções dos/as participantes da pesquisa sobre as linguagens audiovisuais digitais (especialmente a fotografia e o filme etnográfico) e como tais linguagens podem ser eficazes na circulação dos saberes tradicionais na/da aldeia. Com uma abordagem qualitativa, a proposta inclui a realização de oficinas de

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro ao desenvolvimento deste trabalho.

fotografias e de produção e edição audiovisual, bem como a composição de grupos de discussão com os/as participantes.

Os Pataxó são um povo do tronco Macro-Jê, da família linguística Maxakali, englobando os Hã-hã-hãe e os Maxakali (Melatti, 2007). Originariamente ocupando o extremo sul da Bahia, são bastante conhecidos pelas suas migrações. A Aldeia de Barra Velha (BA) é reconhecida pelos Pataxó como “aldeia mãe” ou “aldeia velha”, constituindo grande valor simbólico para a identidade étnica Pataxó. A chegada de um dos grupos da etnia Pataxó ao Estado de Minas Gerais resulta de diversos fatores históricos, dentre os mais importantes citamos o famigerado “Fogo de 51”, assinalado por ações truculentas que incendiou diversas aldeias, afugentando o Povo Pataxó, visando “civilizar” a ocupação territorial da região (PATAXÓ, 2002). O segundo fato refere-se à transformação do território tradicionalmente ocupado pelos Pataxó em parque nacional, o chamado Parque Nacional do Monte Pascoal, reduzindo drasticamente seu território. Como se não bastasse esta saga de sofrimentos em consequência da violência vivida em seu território tradicional no sul da Bahia, a chegada à Fazenda Guarani, na cidade de Carmésia (MG), não poupou os Pataxó de menos infortúnios. Importante frisar que antes da chegada dos Pataxó à Fazenda Guarani, esta funcionou como uma colônia penal para indígenas de diversas etnias, inclusive Pataxó (Marcato, 1979)¹. Após um longo processo de colonização, que provocou transformações profundas nos modos de vida dos povos indígenas, por meio de mecanismos como a desterritorialização forçada e políticas de assimilação cultural, os Pataxó vêm articulando estratégias de reelaboração de suas práticas e saberes tradicionais. Entre essas estratégias, destaca-se a incorporação das políticas culturais indígenas, mais comumente chamadas de “retomadas”, como instrumento de afirmação identitária e valorização de sua cultura.

No território indígena localizado na Fazenda Guarani, os Pataxó encontram-se organizados em quatro aldeias distintas, (Aldeia Sede, Aldeia Encontros das águas, Aldeia Imbiruçu e Aldeia Kãñã Mihay). O trabalho de pesquisa, que estamos desenvolvendo, concentra-se na Aldeia Imbiruçu. A comunidade de Imbiruçu é composta, atualmente, por 31 grupos domésticos, relacionados entre si por casamentos, com aproximadamente 140 pessoas (SANTOS, 2020, p.37). Segundo o pesquisador indígena Adreano Santos, o nome da aldeia foi atribuído pelo Cacique Mangãgá, ainda durante o processo de demarcação da Terra Indígena, nos anos de 1981. A escolha do nome da aldeia remete a uma árvore conhecida por sua força e resistência, qualidades

que simbolizam as lutas travadas pelo próprio cacique na conquista do território (SANTOS, 2020, p. 34).

O recorte observacional deste projeto envolve a forma como os Pataxó se mobilizam, por meio da apropriação do audiovisual, para registrar seu mundo, seu cotidiano, suas festas e seu território, visando à reconfiguração e à circulação de seus conhecimentos. Novas tecnologias, imagens e sons captados em colaboração com os indígenas produzem um efeito de tradução intercultural. Passa-se da dimensão política e ética para uma dimensão estética eêmica, avançando em direção ao risco do real: a realidade, o espaço vazio, o tempo de espera. A realidade é mostrada de forma caótica, desorganizada, pelo olhar de quem a vive e deseja compartilhá-la. Não se trata de adaptar uma estética ocidental, branca, à estética indígena, tampouco de produzir filmes voltados a um público específico (QUEIROZ, 2024).

Como observa Ana Lúcia Marques Ferraz (2022), as imagens produzidas pelos indígenas constituem uma representação complexa e múltipla, incorporando uma pluralidade de pontos de vista. Assim, o audiovisual indígena pode revelar formas de percepção moldadas pela cosmologia indígena em relação ao território, à natureza e às coisas humanas e não humanas, como lugares, paisagens, águas, saberes sobre plantas, remédios e pássaros. “O pensamento indígena ocupa a linguagem cinematográfica, deslocando-a ao seu modo; a linguagem cinematográfica é desafiada a aproximar-se de elementos culturais nunca antes por ela figurados. Quem tem o poder de acessar e construir a elaboração sensível do mundo? Essa é uma das perguntas que os cinemas indígenas desafiam por meio de filmes que surgem - e se insurgem - como afirmação de outras perspectivas, outros modos de existência e relação com os demais seres no cosmos” (DUARTE, TORRES, ROMERO, 2021). A apropriação e produção de imagens, portanto, estão associadas às especificidades e dinâmicas de cada coletivo indígena.

Uma das primeiras experiências com vídeo entre populações indígenas no Brasil é o projeto de ensino do vídeo entre os Kayapó, realizado em 1985, intitulado “Mekaron Opoi D’joi”. Um dos objetivos desse projeto era registrar danças e rituais, “de forma a perpetuar a cultura Kayapó para as gerações futuras” (MORGADO, 2016). Morgado destaca que os Kayapó queriam ser vistos como detentores e operadores das tecnologias. Não tinham a preocupação de mostrar uma cultura “pura”, “tradicional”, “original”, marcando um contraste com muitas imagens dos indígenas feitas por não indígenas.

Destaca-se ainda a experiência marcante do projeto “Vídeo nas Aldeias” (VNA), criado em 1986 pelo casal de antropólogos/as Vincent Carelli e Virgínia Valadão; além do célebre trabalho de Jean Rouch e o potente e instigante conceito de “etnoficção” (1955, 1958, etc.). O “Vídeo nas Aldeias” surgiu dentro das atividades da ONG “Centro de Trabalho Indigenista”, e tem o intuito, desde a sua criação, de incentivar a produção audiovisual indígena no Brasil, apoiando as lutas dos povos tradicionais a partir da manutenção e do fortalecimento de suas identidades e patrimônios materiais (incluindo os territórios ancestrais) e imateriais (sua cultura e seus modos de vida). Inicialmente, a equipe do VNA realizava as filmagens e as apresentava aos/as interlocutores/as indígenas, gerando um engajamento crescente, nos moldes que nos remete ao processo produtivo e reflexivo de Jean Rouch, que desde o final da década de 1940, mas principalmente na década de 1950, já realizava filmes entre povos tradicionais africanos. Com o conceito de “etnoficção” apresentado em seus filmes (1955, 1958, etc.), Rouch de certa maneira antecipou a chamada “antropologia compartilhada”, realizando obras que misturavam características dos documentários clássicos (tomados como reais e objetivos) e das ficções (consideradas como narrativas totalmente inventadas, pertencentes ao imaginário), construídas a partir de personagens “reais”, encenados por “atores” que desempenhavam o seu próprio papel como membros de um grupo étnico e/ou social. Ao apresentar, desde os primórdios, um grande potencial produtivo, reflexivo e epistêmico, o alcance do VNA se expandiu gradativamente a outros grupos étnicos, originando uma série de vídeo sobre como cada comunidade tradicional se apropriava e incorporava o vídeo/cinema como prática expressiva particular. Em 1997, 11 anos após sua criação, o VNA iniciou a etapa seguinte, com novas e complexas proporções a partir da realização da primeira oficina de formação, que ocorreu na aldeia Xavante de Sangradouro, Mato Grosso. A equipe do “Vídeo nas Aldeias” começou, então, a distribuir equipamentos, como câmeras de vídeo e de exibição para que, além das produções feitas pelos/as antropólogos/as-cineastas, os/as próprios/as indígenas representassem suas experiências de vida e as pudessem compartilhar com outros povos participantes do projeto, promovendo o intercâmbio (por meio dos filmes mas também “ao vivo”) entre as comunidades tradicionais.

Já no ano 2000, o “Vídeo nas Aldeias” se constituiu como uma ONG independente, reunindo um importante acervo de imagens e narrativas mitológicas sobre os povos indígenas no Brasil, que conta atualmente com mais de 70 filmes. Além do suporte técnico e financeiro para a viabilização da produção indígena, o VNA busca

oferecer uma formação de qualidade, com treinamento contínuo e aprofundado a partir de oficinas de capacitação de um mês de duração, realizadas nas aldeias. Segundo a descrição do site do projeto, tal formação se dá em quatro etapas: roteiro, captação de imagens, análise crítica do material captado e edição, que inclui em sua dinâmica a interação da comunidade em todas as etapas desse processo. Além disso, na sede do projeto (em Olinda/Pernambuco) se realiza a edição, finalização e distribuição dos filmes etnográficos. Dessa forma, o VNA ainda contribui, é importante destacar, para que o público não-indígena entre em contato com essas outras ontologias.

Descortinando desafios teórico-metodológicos

O primeiro trabalho de campo realizado na Aldeia Imbiruçu (Carmésia/MG), ocorreu ao longo dos dias 01 e 02 de fevereiro de 2025. O objetivo da viagem era a apresentação da proposta da pesquisa para a comunidade indígena, bem como colher sugestões, experiências e objetivos dos membros da comunidade. Antes da chegada à aldeia, através de contatos telefônicos, foi comunicada previamente a realização da visita. Foi realizada uma primeira reunião com toda a comunidade, sob a condução do cacique Romildo. A reunião iniciou às 9h da manhã, na cabana próxima à escola, e finalizou às 10:30h. Durante a reunião, foi exposto os objetivos da pesquisa e a importância da participação ativa da comunidade. Através da atenção e das perguntas entre os presentes, foi possível identificar o interesse da comunidade. No período da tarde do dia 01 de fevereiro e na manhã do dia 02 de fevereiro, foram realizadas visitas às casas de lideranças juvenis da aldeia, com o objetivo de fortalecer os vínculos entre a equipe de pesquisa e a comunidade.



Foto 1 - Mulheres Pataxó presentes na 1ª reunião da Aldeia.
Fonte: Equipe de pesquisa



Foto 2 - Membros da comunidade atentos à reunião.
Fonte: Equipe de pesquisa.

A segunda visita à Aldeia Imbiruçu ocorreu entre os dias 29 e 30 de março de 2025 para a realização da 1ª Oficina de audiovisual (fotografias). A oficina ocorreu na escola da Aldeia, no período da manhã e tarde do dia 29/03 e no período da manhã do dia 30/03. Participaram da oficina 20 jovens indígenas, indicados pela própria comunidade. Foi possível identificar a motivação dos participantes por meio das perguntas, da frequência e da atenção dispensada ao longo da oficina. Ao final das atividades, eles destacaram a necessidade de obter os equipamentos de filmagem para a aldeia, a fim de desenvolverem maiores habilidades e realizarem seus próprios registros.



Foto 3 - Participantes da Oficina de fotografia.
Fonte: Equipe de pesquisa.



Foto 4 - Jovem aprendiz no segundo dia de oficina.
Fonte: Participantes da oficina

O trabalho de campo para a realização da 2ª Oficina de audiovisual com foco na realização de cinema indígena ocorreu nos dias 02 e 03 de abril de 2026. A oficina teve início com um momento de escuta da comunidade, em que os participantes foram convidados a refletir sobre a história que desejavam narrar por meio do audiovisual. Em seguida foram introduzidos conteúdos técnicos básicos para a filmagem, além de exercícios práticos. A oficina abordou conteúdos como argumento, roteiro e storyboard, que foram desenvolvidos pelos participantes indígenas de forma fluida e participativa.



Foto 5 -Exercício prático de captação de imagens realizado por jovens indígenas durante a oficina de cinema indígena.

Fonte: Participantes da oficina



Foto 6- Participantes da oficina de audiovisual em sala de aula

Fonte: Participantes da oficina



Foto 7- Participantes da oficina de audiovisual

Fonte: Participantes da oficina

Se, por um lado, o desenvolvimento dos conteúdos nas oficinas ocorreu de forma fluida, por outro, a pesquisa suscitou importantes desafios teórico-metodológicos. O primeiro deles refere-se ao reconhecimento da diferença entre as “culturas” envolvidas no trabalho. De um lado, podemos dizer, uma cultura branca, “civilizada” e marcadamente antropocêntrica; de outro, uma cultura indígena, diferenciada, nãoantropocentrada, permeada pela presença de outros-que-humanos (Price & Chao, 2023). Tal diferença impõe o significativo desafio de não pautar a pesquisa a partir dos conceitos e instituições culturais dos próprios pesquisadores. Nesse sentido, as premissas da “antropologia reversa”, invocando a ideia do autoetnográfico e da autoantropologia a partir de uma troca equilibrada de perspectivas, conforme nos inspira Roy Wagner em “A Invenção da Cultura” (1975), representa um seguro aporte que vem balizando nossas práticas de campo.

Um segundo desafio teórico-metodológico, que se evidencia à medida que a pesquisa avança, refere-se ao modo pelo qual os Pataxó se garantem, isto é, como se autodeterminam e constroem a própria cultura. Observações iniciais sugerem que muitos dos processos vivenciados entre os Pataxó não demandam necessariamente a escrita, nem mesmo devem ser revelados ou enunciados, mas antes se organizam segundo uma lógica do segredo e da não publicação, muito embora revelem o interesse em mostrar a “cultura”. Ante esses desafios, indagamos de que maneira filmes e fotografias podem ou não estarem implicados na circulação dos saberes tradicionais. Os resultados parciais do trabalho de campo têm possibilitado boas reflexões acerca das diferenças culturais, bem como sobre o próprio modo ocidental de produzir e inventar cultura. As próximas etapas da pesquisa terão como ponto de investigação as lógicas que orientam a produção das imagens na circulação dos saberes tradicionais.

Considerações finais

Embora ainda em desenvolvimento, a pesquisa evidencia que a investigação sobre as linguagens audiovisuais na Aldeia Imbiruçu demanda uma revisão crítica dos pressupostos epistemológicos e metodológicos que orientam a produção acadêmica. As reflexões iniciais indicam que a circulação dos saberes tradicionais entre os Pataxó não pode ser compreendida a partir de concepções antropocentradas de imagem, bem como seus registros, mas exige atenção às categorias, práticas e formas próprias de produção do conhecimento da comunidade. A produção do cinema indígena desloca o olhar antropológico, instaurando uma “antropologia compartilhada”.

Nesse sentido, o diálogo com a antropologia reversa e com perspectivas que privilegiam a reciprocidade entre pesquisador e participantes mostra-se fundamental para a construção de um trabalho comprometido com as diferenças culturais. As etapas seguintes buscarão aprofundar a compreensão das lógicas que orientam a produção e o uso das imagens na aldeia, contribuindo para o debate teórico-metodológico, sobretudo a partir da pesquisa colaborativa com os povos indígenas.

Referências bibliográficas

ALVARES, Alberto. Da Aldeia ao cinema: o encontro da imagem com a História. In.: Cosmologias da imagem: cinemas de realização indígena. DUARTE, Daniel Ribeiro; ROMERO, Roberto; TORRES, Júnia (Orgs). 1ª ed. Belo Horizonte, MG, Filmes de Quintal, 2021, p. 21-40.

CARVALHO, Maria do Rosário G. de. Os Pataxó de Barra Velha: Seu Subsistema Econômico. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CUNHA, Carlos Fernando Carrer. Do Fim do Ser Humano ao Humanismo Yanomami. Tese. Universidade Federal de São Paulo (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Guarulhos, 2022.

DUARTE, D. R., ROMERO, R., TORRES, J. Cosmologias da Imagem: cinemas de realização indígena. Belo Horizonte, MG: Filmes de Quintal, 2021.

DULLEY, Iracema. Imbricamentos entre etnografia e biografia: um estudo sobre Roy Wagner. In.: MANICA, Daniela. Vida & grafias: Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 111-135.

ECKERT, C. & CARVALHO DA ROCHA, A. L. “Nunca em Anexo”: Pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropologia Audiovisual. Trama, 11(11), 2020, p. 10-32.

FERRAZ, Ana Lúcia. “Metamorfoses da imagem nas ciências sociais: três experiências com o filme etnográfico”. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 37, Número 1, Janeiro/Abril 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. Cadernos de Campo, n. 13, 2005, p. 155-161.

GONÇALVES, Antônio Augusto Oliveira. Um lugar pra gente fortalecer o que é nosso: caminhos dos Pataxó à Gerú Tucunã. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 225-249, 2020

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PRICE, C. & CHAO, S. Multispecies, More-than-Human, Non-Human, Other-Than-Human: Reimagining idioms of animacy in an age of planetary unmaking. *Exchanges: The Interdisciplinary Research Journal*, 10(2), 2023, p. 177-193.

QUEIROZ, Ruben Caixeta de. Política, estética e ética no projeto Vídeo nas Aldeias, 2024. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=20>. p. 3-4.

QUEIROZ, Ruben Caixeta de, Cineastas Indígenas e Pensamento Selvagem, *Revista Devires*, Belo Horizonte, V. 5, N. 02, p. 98-125, JUL/DEZ, 2008.

SANTOS, Adreano Pinheiro. O deslocamento dos Pataxó para Minas Gerais: formação da Aldeia Imbiruçu, dentro da Terra Indígena Fazenda Guarani. TCC (Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SOUZA, Fabiano J. Alves. Os Pataxó em morros brutos e terras famosas: descortinando o movimento das puxadas de rama. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), UFSCar, 2015.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.